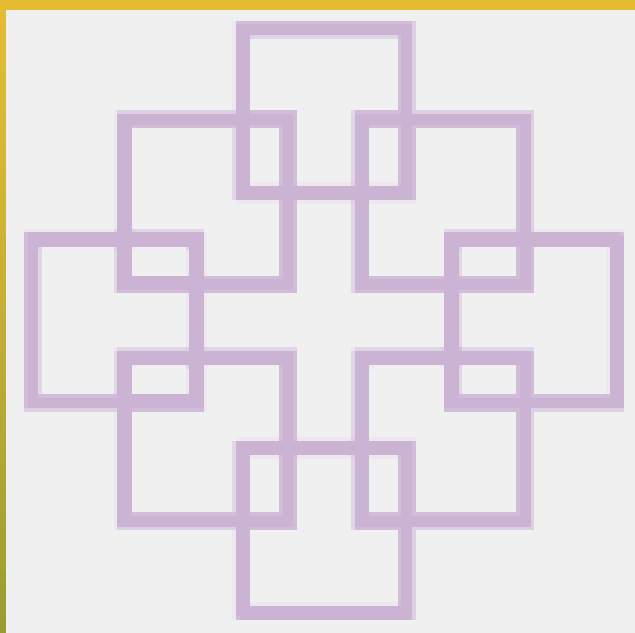


CRIADO À IMAGEM DE DEUS
TRANSEXUALIDADE NA IGREJA



IGREJA EVANGÉLICA
EM HESSEN E NASSAU – ALEMANHA

PALAVRA DE SAUDAÇÃO

do Presidente da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau



© EKHN/Norbert Neetz

Pastor Dr. Dr. h. c. Volker Jung, setembro de 2019

Queridas irmãs e queridos irmãos em Cristo,

Nossas Igrejas Evangélicas têm sua raiz comum na Reforma Protestante. Só Jesus Cristo, só as Escrituras, só pela graça, só pela fé – esses são os fundamentos da vida e fé evangélicas. Em relação às Escrituras Sagradas, no entanto, há diferenças claras, também entre os cristãos evangélicos. Alguns tendem a um entendimento literal da Bíblia, outros utilizam os métodos de estudos bíblicos histórico-críticos, tentando entender textos a partir de seu tempo. Também tomam conhecimento do que outras ciências dizem, e perguntam em conversas com os textos bíblicos o que Deus tem para nos dizer hoje em uma realidade social modificada.

Na abordagem às pessoas transexuais ou transgêneros, muitas(os) cristãs*cristãos ainda ponderam, ficam inseguros(as) ou temem. Em 2015, a Igreja Evangélica em Hessen e Nassau (*Evangelische Kirche in Hessen und Nassau – EKHN*) constituiu um grupo de trabalho sobre justiça de gênero. Em nome da liderança da Igreja, esse grupo elaborou o presente manual, em um diálogo interdisciplinar e levando em consideração os resultados mais recentes da pesquisa. O manual dirige-se principalmente às comunidades religiosas e Conselhos da Igreja, bem como às pessoas que trabalham na Igreja. O texto procura transmitir informações fundamentadas e reduzir inibições.

Jesus Cristo exorta viver e agir com amor (Lucas 10, 25-37), mesmo em relação a pessoas que nos são hostis (Mateus 5, 43-48). Cristo diz que está perto de nós nas pessoas consideradas pequenas ou que se encontram à margem da sociedade (Mateus 25, 40).

Este manual convida a buscar a prosperidade da cidade (Jeremias 29, 7); e, portanto, também, onde quer que estejamos, defender a superação do ódio e da violência. Cristãs e cristãos não devem se calar quando pessoas sofrem injustiças. Jesus superou as fronteiras de seu tempo, recuperando pessoas à sociedade, que antes – por motivos religiosos – encontravam-se excluídas. Também em relação às pessoas que são marginalizadas ou expulsas da sociedade hoje em dia, é necessário se orientar em Jesus.

Quando o apóstolo Filipe é convocado pelo Espírito Santo para batizar o eunuco da Etiópia, esse excluído se tornou membro da Igreja (Atos 8, 26-40). Cristãs e cristãos não deveriam se abrir para a ação do Espírito de Deus? Para a ação de um espírito que leva as pessoas de uma situação minoritária à comunidade de irmãs e irmãos em Cristo o que é um espírito de liberdade (Gálatas 5, 1)?

Nos últimos anos, o Brasil tem sido um dos países em que muitos crimes de ódio terríveis foram cometidos contra transexuais. Em vista do sofrimento dessas pessoas, surgiu a ideia de traduzir este manual para o português.

Agradeço à Associação Kreuzweise-Miteinander e.V. pela organização dessa tradução. Como membro do Conselho da Igreja Evangélica na Alemanha (*Evangelische Kirche in Deutschland*), alegra-me que a Igreja tenha apoiado financeiramente essa tradução.

Agradeço a todos que trabalharam neste manual, especialmente aos membros do Grupo de Trabalho sobre “Justiça de Gênero”.

Ficarei muito satisfeito se vocês se ocuparem com esse tema na sua comunidade cristã. Observem *se* e *como* pessoas com uma variante inata do desenvolvimento de gênero são aceitas em sua comunidade e na vida cotidiana.

Que este manual possa contribuir para as pessoas perceberem sua diversidade e acabar com a discriminação com base no gênero e na orientação sexual.

Com os melhores cumprimentos e bênçãos abundantes,



Dr. h. c. Volker Jung

Índice

Prefácio do Presidente da Igreja	6
Instruções	7
Entrevistas	
Mattheus	9
Simon	10
Asta	11
Gênero	12
Perspectivas Teológicas	14
Lido de novo – Textos bíblicos para a compreensão da diversidade sexual	
“A Bíblia como o livro da minha vida”	17
Uma classificação teológica pessoal	
Transexualidade do ponto de vista da investigação sobre o cérebro	19
Corpo vivo e corpo a exemplo da transexualidade	21
Crianças e adolescents	24
Entrevista com Paula	25
Relacionamento com a transexualidade na vida comunitária	28
Alguma dúvida?	31
Possíveis intervenções médicas	33
Direitos	34
Informações suplementares	36
Referências bibliográficas e links	
Membros do grupo de especialistas Equidade de Gênero da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau (<i>Evangelische Kirche in Hessen e Nassau – EKHN</i>)	38
Endereços para contato	38
Posfácio.....	39

Prefácio do Presidente da Igreja

Há algum tempo a Juventude Evangélica da nossa Igreja sugeriu e exigiu que nós, como Igreja, nos envolvêssemos de modo mais engajado com a situação das pessoas transexuais. Essa juventude apontou-nos, com razão, nossa própria reivindicação. Como Igreja, queremos que todas as pessoas possam participar da vida de nossa Comunidade sem qualquer discriminação em razão do sexo. É por isso que a diversidade de gênero é um desafio para a Igreja e sua liderança.

Antes de tudo, trata-se de perceber a diversidade de gênero. Para muitos, isso significa repensar. A percepção da diversidade de gênero exige abertura de horizontes. É necessário verificar os próprios padrões de pensamento.

Segundo estimativas atuais, vivem na Alemanha mais de 100.000 transexuais. Como eles são percebidos e o que eles experimentam? Cristãs e cristãos têm o dever de estar especialmente atentos àqueles que são marginalizados. Mas as pessoas transexuais na Igreja e na Comunidade cristã experimentam que elas são realmente aceitas?

Isso inclui esclarecimento: há pessoas que estão *entre* ou *além* de uma vida bissexual. Não porque elas escolheram isso ou por que decidiram viver de outra maneira, mas porque são assim. Isso faz parte da diversidade em que Deus nos criou.

Aquele que afirma isso pode ajudar a acabar com a discriminação baseada em gênero e orientação sexual. Estou convencido de que, aqui, não devemos ficar atrás da reivindicação de ajudar as pessoas a levar uma vida de dignidade e liberdade através do poder do Evangelho.

Além disso, aceitar a diversidade humana e a diversidade como dádiva e desafio pode promover a Igreja e a sociedade. Ao iniciar um processo de entendimento mútuo, torna possível um encontro apreciativo e frutífero com as pessoas e suas histórias de vida. Isso pode contribuir para entender melhor e viver a própria vida.

“... A percepção da diversidade de gênero exige abertura de horizontes.”

Por tudo isso, é necessário perceber as experiências humanas. Precisa-se de esclarecimento e informação sobre conhecimentos científicos. E de reflexão teológica. Por essas razões, a direção da Igreja decidiu criar um grupo de especialistas sobre “equidade de gênero”. O grupo elaborou esse manual que vocês têm em mãos.

Deliberadamente, o texto dá lugar a muitas experiências pessoais incomuns, talvez, à primeira vista, desconcertantes. As experiências situam-se no contexto de informações sobre conhecimentos científicos. Questões teológicas, jurídicas e práticas são evidenciadas e discutidas. A liderança da Igreja agradece o grupo de especialistas pelo intenso trabalho e pelo presente texto. Ela publica este texto na esperança de que sejam iniciadas e conduzidas boas discussões sobre o tema transexualidade na Igreja e na sociedade. Que este manual, acima de tudo, ajude as pessoas transexuais a dizer: eu gosto de estar na minha Igreja.

Dr. h. c. Volker Jung

Presidente da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau, Alemanha

Instruções

– por que e para que serve este manual –

Caras leitoras, caros leitores,

Este manual elaborado pelo grupo de especialistas Equidade de Gênero da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau informa sobre um tema até então pouco elucidado: Transexualidade e Igreja.

Pessoas sem gênero não parecem imagináveis. Para a maioria, a autopercepção de gênero e a constituição física são correspondentes. Mas, para muitos, não (totalmente). Os resultados do estudo legado da revista alemã *ZEIT*, realizado entre julho e outubro de 2015, ilustram que isso de forma alguma diz respeito apenas a uma minoria ínfima da população. Em termos do papel de gênero que melhor as descreve, 3,3% das entrevistadas indicaram um gênero diferente das informações que normalmente usavam para se registrar na pesquisa.

Cada pessoa percebe o gênero de maneira diferente consigo próprio e com os outros. Apesar de muitas semelhanças, as percepções individuais às vezes parecem quase mutuamente exclusivas.

A percepção subjetiva individual do próprio gênero, seja como for, deve ser respeitada e reconhecida, mesmo que para isso seja necessário generalizar neste manual.

Transidentidade, transexualidade, *transgender*, *trans**, *trans*, *transgênero*, não-binário, *genderqueer*, ser humano *trans**, mulher *trans*, homem *trans*, pessoa *trans**, *agender*, *queer* etc. são exemplos da abundância de termos descritivos e de classificação que resultam da variedade de percepções e intenções políticas. Não há uma definição universalmente aceita desses termos que, basicamente, descrevem *um* fato: a incongruência da autopercepção sexual de uma pessoa em relação ao sexo designado no nascimento e posteriormente na vida. No entanto, este manual não é sobre conceitos, mas sobre esse fato. Assim, são usados termos diferentes nos diferentes capítulos.

Trans*

As pessoas *trans** continuam sendo discriminadas e marginalizadas – a Igreja também ainda não pôs em prática sua reivindicação de participação igualitária de todos*as. Este manual tem como objetivo iniciar o debate sobre a transexualidade no âmbito eclesial. O texto dirige-se às pessoas que trabalham na igreja, sejam profissionais, sejam elas voluntárias ou voluntários, e a interessados em geral.

O objetivo deste manual é

- abrir perspectivas novas e talvez não familiares;
- transmitir conhecimento sobre gênero e processos, fenômenos e teorias relacionados; e
- impulsionar a formação de uma Igreja inclusiva e justa para todas e para todos.

O manual foi elaborado por um grupo de especialistas voluntários teólogos, teólogas e representantes religiosos. A edição do texto desse grupo é de responsabilidade dos dirigentes da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau (EKHN).

Nos distintos capítulos serão observadas as seguintes facetas específicas: relatos de experiências pessoais, classificações teológicas, teorias da natureza e das humanidades, situação de crianças e adolescentes, prática na vida comunitária, percursos médicos e legais, além de questões de importância cotidiana. Como um kit, o leitor poderá escolher os capítulos que lhe são importantes e úteis. Para favorecer o fluxo da leitura, omitimos deliberadamente as referências bibliográficas em forma de notas de rodapé.

Deixe-se inspirar por esta brochura. Procure encontrar soluções criativas para mais campos de prática municipais, locais ou de igreja. Esteja e permaneça nos círculos de conversas com profissionais da área e voluntários. Aborde o tema nos Conselhos da Igreja, nos Sínodos locais e no Sínodo da Igreja.

Em caso de dúvida, entre em contato conosco, os membros do grupo. Conte-nos suas boas ideias e compartilhe conosco suas experiências, para que possamos apresentá-las à próxima edição deste manual.

Desejamos a você uma leitura estimulante e interessante!

Linguagem sensível ao gênero

Com a estrelinha, por exemplo, no substantivo alemão *Leser*innen* (também chamado de *Asterisk* ou *Gender Star*; o asterisco vem da linguagem de programação e serve como espaço reservado para todos os finais possíveis nos sistemas de busca digital), que significa leitor, leitora e seus respectivos plurais, em um único substantivo, o espaço é simbolizado para pessoas que não podem ou não querem ser incluídas em um sistema de dois gêneros. O asterisco em *trans** deve incluir todas as identidades diferentes e pessoas trans não-binárias.

Entrevistas

Como é ser trans*? Ouvir, perguntar e entender é a base de uma discussão séria e coexistência próspera. Assim sendo, algumas pessoas trans* responderam a nossas perguntas sobre suas experiências pessoais para esta publicação. Seus nomes foram parcialmente alterados.

Matheus

Como foi que percebeu que você é trans*?

Na minha infância, eu era uma criança comum de cidade pequena, que os “transexuais” qualificavam como pássaros estranhos para Berlim. Somente quando conheci um homem trans e ouvi sua história, entendi que isso também existe na vida “real”. E pode dizer respeito a qualquer um*a. Só então entendi o que trans* realmente significa e me atrevi a pensar o impensável: não preciso ser uma mulher só porque tenho um corpo categorizado como “feminino”. E com essa liberdade de pensamento, percebi quase imediatamente que não sou mulher.

O conhecimento de que meu corpo não me determina libertou-me de todos os papéis sociais na minha cabeça aos quais eu não me ajustava, e exerciam pressão sobre mim. Sim, eu sempre preferi brincar com os meninos, odiava fazer compras e nunca me maquiava, mas também adorava usar vestidos, e dancei balé muitos anos. Trans* não pode ter sua medida no clichê. Trata-se de algo mais profundo. Trata-se de minha própria imagem. Se permito a mim a liberdade de ser quem eu sou – na oração, na meditação –, então sei disso, simplesmente!

Como é que se sente isso? Como você lida com isso?

Na primeira semana após minha inesperada percepção de que eu não era mulher, não tinha que ser mulher, fiquei incrivelmente aliviado. Foi como colocar meus pés em um espaço amplo. Havia uma vastidão que finalmente me permitia respirar livremente. Parecia que eu tinha pousado em um nível mais profundo dentro de mim. Certa vez minha mãe disse, sacudindo a cabeça com tremenda surpresa: “Você parece tão autêntico!” E é assim que se sente: simplesmente certo e totalmente normal.

Infelizmente as pessoas não reagiram à minha alegre descoberta com: “Isso é ótimo!”, como eu havia esperado, mas com “Ó! Ah... É? Mas...” – E aconteceu que eu tive que me justificar pela minha identidade e ainda preciso. Afinal, existem pessoas que pensam que sabem quem eu sou melhor do que eu. Isso é cansativo. E me entristece porque me separa dessas pessoas. Ainda assim, fico feliz por ser do jeito que sou. E tenho plena certeza de que é exatamente assim que posso conhecer o infinito amor de Deus.

Que experiências você teve com sua igreja em relação a trans*?

A situação mais impressionante foi provavelmente a seguinte: eu era novo na comunidade e queria cantar no coral Gospel. Por pura coincidência, eu estava sentado ao lado da regente do coral e a interpelei: “Vocês estão precisando de contraltos?” “Sim, estamos procurando com urgência! Acabei de ouvir você cantando! Isso seria ótimo! Qual é o seu nome?” “Matheus.” Um pequeno intervalo. “Nós somos um coral cristão.” Eles não me queriam. Dessa maneira o assunto estava encerrado.

O que sua igreja deveria fazer sobre o tema diversidade de gênero?

Minha igreja não deve excluir pessoas que são diferentes – sejam membros da Igreja ou pessoas da rua –, mas aceitá-las e acolhê-las com amor. Gostaria que a Igreja da sociedade avançasse e ajudasse a eliminar o estigma da diversidade de gênero, conversando, elucidando, tornando-a normal, tirando, assim, a insegurança e os preconceitos das pessoas.

Desejo que LGBTQI+ não precisem inquietar-se com o Batismo, a Crisma e o casamento, mas, por exemplo, que o Batismo de uma criança intersexual, o casamento de um casal do mesmo gênero e talvez até a transição de gênero de uma pessoa trans possam ser celebrados na Igreja.

LGBTQI+

Lésbica, gay, bissexual, transgênero, transexual, intersexual e *queer*.

► **Veja também capítulo “Gênero”, pg. 12**

Simon

32, Norte da Alemanha, pastor

Como foi que percebeu que você é trans*?

Não percebi no jardim de infância, mas eu era exatamente quem e como eu queria ser. Tornou-se difícil, pela primeira vez, quando as expectativas específicas dos papéis de gênero foram transmitidas a mim pelos adultos. E, desde então, até a transição, não consegui me livrar do papel especial. Com a puberdade, tornou-se evidente que a maneira como meu corpo mudava não combinava nada comigo, e eu queria muito não ter o corpo de uma mulher, mas o de um homem. Quando descobri que a identidade trans não é apenas uma identidade trans de homem para mulher, mas também uma identidade trans de mulher para homem, eu soube que isso se aplicava a mim.

TRANS*

Diversidade de gênero

Como é que se sente isso? Como você lida com isso?

Sempre que estou sozinho, não sinto nada, eu simplesmente sou eu mesmo, e geralmente mergulho no meu trabalho ou nos meus *hobbies*, de maneira que esqueço de mim mesmo ou penso nisso ou tenho uma consciência do problema. Antes da transição, eu sempre me perguntava se haveria um futuro digno de ser vivido para mim ou se eu simplesmente teria de sofrer e suportar minha vida. Alívio, libertação e quase salvação foi o que experimentei a cada passo da transição; a vida se tornou mais fácil, mais tranquila e, em princípio, concebível. E agora, após a transição, tudo parece muito certo e consistente; às vezes me surpreendo que tudo esteja feito; às vezes me fortalece saber que eu podia fazer isso que era aparentemente impossível.

Que experiências você teve com sua igreja em relação a trans*?

Desde que comecei a trabalhar na igreja, surgiu a questão de saber *se* e *como* os gerentes de recursos humanos e a liderança da Igreja apoiariam minha condição. Fiquei muito preocupado! Completamente errado! Assim que a liderança da Igreja sinalizou que não tinha problema com a minha identidade, porém, ao contrário, apoiou-me muito, deixou de ser uma questão para todos os outros, felizmente.

O que sua igreja deveria fazer sobre o tema diversidade sexual e de gênero?

Seria ótimo se as igrejas nacionais estivessem dispostas a oportunizar, para além do dualismo de gênero e da heteronormatividade, que pessoas sejam simplesmente vistas como uma parte natural da heterogênea comunidade cristã, o que geralmente já acontece. E eu gostaria de ter um pouco mais de “Luteranismo”, isto é, coragem junto a muitas pessoas que não são da liderança da Igreja, mas com formação teológica: *Go for it*, vá em frente, se você pressente em espírito e pode justificar teologicamente que isso é uma coisa boa.

Asta

39, Renânia-Palatinado, pós-graduação em *design* de mídia, mãe

Como é que se sente isso? Como você lida com isso?

No começo, era apenas uma contradição. É difícil descrever isso. Quando adolescente, eu não me sentia bem porque não conseguia classificar isso e não sabia que eu não era a única pessoa que se sentia assim. Descobrir que não estava sozinha com isso trouxe algum alívio na época. Eu sabia o que havia de errado comigo, mas ainda havia o medo do que seria se eu revelasse minha orientação sexual. Por isso, reprimi meu verdadeiro “eu” por muitos anos, interrompi uma tentativa de *Coming-Out*, revelar minha identidade, e continuei reprimindo. Numa certa altura, não me sentia bem. Ou eu sucumbiria a isso ou finalmente revelaria minha verdadeira orientação de gênero. E foi o que fiz. Desde então me sinto muito melhor!

Que experiências você teve com sua igreja em relação a trans*?

Curiosamente, nada especial. Fui aceito como sou em todos os lugares. Também na creche das minhas filhas e dos meus filhos, e em clubes. Pelo contrário, havia, de certo modo, mais interesse e necessidade de discussão do que eu pensava. Ou seja, uma necessidade de discussão positiva, um interesse autêntico.

O que sua igreja deveria fazer sobre o tema diversidade de gênero?

Continuar mostrando abertura e ser receptiva com todas e todos – e, de maneira consequente, defender essa postura diante dos céticos.

“Não sou um garoto, sou uma garota, mesmo se o corpo permite pensar outra coisa.”

Gênero

Gênero é uma característica humana que determina fundamentalmente o pensamento, o sentimento e o comportamento individuais. Em todas as culturas há uma concepção de gênero. Em nossa cultura, o gênero é quase exclusivamente determinado pelo corpo, em oposição a “masculino” e “feminino”. O gênero é atribuído ao ser humano ao nascer, com base nas características do corpo (órgãos genitais) e vinculado no curso da vida a experiências, concepções e idealizações específicas. Quando o sexo de uma pessoa não parece ser único ou não “se encaixa” à primeira vista, as expectativas predominantes são frustradas. Em muitas pessoas, isso leva à incerteza e à defesa, e não é incomum o esforço mais ou menos consciente de descobrir o sexo “real” da outra pessoa.

Gênero como realidade e construção

A divisão das pessoas em exatamente dois gêneros, “masculino” e “feminino”, não é apenas um aspecto de nossa consciência cotidiana, mas também a base da ordem social e legal existente. O papel e o status na sociedade são determinados pelo gênero, como pode ser visto nas profissões típicas de gênero e nas regras e proibições específicas de gênero. Esse modelo de ordem estrutura e sistematiza a diversidade do nosso mundo social. Atrás dele está a suposição de que o gênero existe apenas como “masculino” ou “feminino”. Partindo dessa suposição, uma posição intermediária ou ambiguidade de gênero é excluída. Pois o gênero é considerado um fato claramente determinável e definido pela genitália como uma característica sexual essencial já desde o nascimento.

A divisão das pessoas em dois gêneros mutuamente excludentes, mas complementares, não apenas compreende mal a diversidade dos corpos humanos, mas também a complexidade de gênero. Nem é absolutamente sustentável cientificamente. Em cada caso, o gênero é uma combinação única de várias características muito diferentes nos níveis individual (biológico, psicológico) e social. O modelo de gênero binário, que não está apenas por trás da ordem social e jurídica existente, mas também por trás dos conceitos tradicionais de humanidade, manifesta-se como uma construção simplista.

Aspectos biológicos de gênero

- (1) sexo cromossômico/genético (XX, XY etc.)
- (2) sexo gonadal (gônadas: testículos, ovários)
- (3) sexo genital (órgãos sexuais externos: pênis, escroto, vulva etc.)
- (4) sexo gonoductal (órgãos sexuais internos: epidídimo, trompas de falópio etc.)
- (5) sexo cerebral/sexo do cérebro (atividade neuro-hormonal, diferenças neuroanatômicas)

Modelo de gênero binário

Esse modelo considera que o gênero existe apenas como “masculino” ou “feminino”; possíveis posições intermediárias ou ambiguidades são excluídas.

Não existem apenas dois corpos sexuais possíveis, mas toda uma gama de características sexuais mutuamente exclusivas que diferem de pessoa para pessoa. Adicionado a isso é a percepção de outros na esfera humana ou a classificação por outros. Decisiva é a vivência da sexualidade própria de uma pessoa, que pode estar em tensão com o sexo atribuído no nascimento ou com o sexo socialmente atribuído. Portanto, estamos diante do fato de uma discrepância corporal de gênero denominada transexualidade.

Corpo de gênero

Expressão individual do corpo humano, tangível em distintos órgãos genitais, mas também na estrutura do corpo (quadris, ombros), no rosto, nas mãos etc.

Discrepância corporal de gênero

Incongruência do autoposicionamento sexual de um ser humano em relação ao sexo atribuído no nascimento, em razão de características físicas externas.

“Não se pode dividir o mundo em bodes e ovelhas. Nem todas as coisas são pretas ou brancas. É um princípio de taxonomia que a natureza raramente lida com categorias separadas. Somente a mente humana inventa categorias e tenta colocar os fatos em gavetas separadas. O mundo dos vivos é um *continuum* em cada um de seus aspectos.”

(Alfred Charles Kinsey, sexólogo americano, 1894-1956)

Transexualidade

Transexualidade é uma incongruência inerente da autopercepção sexual de uma pessoa em relação ao sexo atribuído no

“Por que nos incomoda tanto quando Deus não leva em conta as leis formuladas pelos seres humanos?”

(Regina Ammicht Quinn, teóloga, Universidade de Tübingen, 1957)

nascimento (“sexo de parteira”). Ela pode acompanhar a necessidade urgente de equiparar o modo de vida e o corpo com o do sexo que determina interiormente. A transexualidade foi considerada durante muito tempo um grave distúrbio psíquico. Essa avaliação errônea levou a uma discriminação massiva e à violência contra pessoas transexuais. No entanto, sob a influência das pesquisas neurocientíficas e das ciências da vida, ocorreu uma mudança de paradigma nas últimas duas décadas. Transexualidade não é uma doença psíquica; porém, uma variante individual da sexualidade humana. O processo de conscientização dessa discrepância corpo-gênero pode estar associado a considerável sofrimento psicológico para as pessoas em causa. Muitas vezes há sérios impactos, incluindo, entre outros, parceria e família. Também inclui o fato de as pessoas transexuais serem dependentes de médicas e médicos, psicólogas e psicólogos, para a realização de suas vontades particulares. Transexuais raramente têm o respeito necessário frente à autodeterminação sexual e sua consideração fundada na dignidade que todo ser humano merece.

Desafio para a teologia e a Igreja

A visão alterada de gênero representa, sem dúvida, um enorme desafio para a teologia e a Igreja, pois a suposição da natureza de dois sexos do ser humano e o dualismo associado de “homem” e “mulher” formam uma determinação aparentemente dada por Deus e, portanto, determinante da vida da imagem humana cristã tradicional. A teologia e a Igreja querem dar orientação para o debate com tarefas e discussões atuais. Por isso elas não se fecham para teorias mais recentes de conhecimentos não-teológicos e realidades sociais, mas os incluem em questões teológico-éticas. Pessoas que se encontram além ou entre os dois sexos, e foram, até então, apagados ou excluídos, não devem ser entendidas como discrepâncias errôneas do “normal”, porém como uma expressão da diversidade da Criação.

Criação

Perspectivas teológicas

Lido de novo – textos bíblicos para entender a diversidade de gênero

A Bíblia é uma biblioteca de escritos de muitos séculos e das mais variadas situações sociais que oferecem diferentes perspectivas e pontos de vista. A Bíblia também é lida em diferentes situações – e, portanto, fornece respostas distintas. No entanto, a Bíblia tem um centro: o encontro de Deus com os seres humanos e sua* parcialidade libertadora para marginalizados*as sociais, econômicos ou culturais. A lei e a justiça são a marca essencial de Deus no Antigo e no Novo Testamento –, portanto, sua* defesa amorosa dos (ainda) impotentes. É importante descobrir o grande potencial de esperança e libertação da Bíblia para todas as pessoas.

O ser humano como ser físico

Os escritos bíblicos atêm-se positivamente à corporalidade do ser humano. O ser humano é criado “do pó da terra” (*Gênesis 2, 7*) e nunca se torna um ser puramente espiritual em algum momento histórico. Os seres humanos são vulneráveis e transitórios; todas as suas experiências, sensações, relacionamentos, seus pensamentos e, principalmente, seu amor e compaixão, são moldados por seu corpo (*Hebreus 13, 3*: “Lembrem-se dos presos, como se vocês estivessem na prisão com eles. Lembrem-se dos que são torturados, pois vocês também têm um corpo.”). O corpo faz parte da identidade e é muito mais do que apenas uma ferramenta do espírito ou da alma. Faz parte do ser humano construir um bom relacionamento com seu próprio corpo e com o meio ambiente.

O ser humano como imagem de Deus

“E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; e os criou como homem e mulher.” (*Gênesis 1, 27, cit. segundo a tradução da Bíblia de Lutero, 2017*)

Por um longo tempo esse versículo da Bíblia foi entendido como uma restrição normativa do ser humano a dois sexos, em vez de uma descrição explicativa de duas características. A tradução redutora com “homem e mulher” (a expressão hebraica corresponde a: “[...] masculino e feminino Ele os criou”) promoveu na tradição da

Gênesis 1, 27 em traduções selecionadas

“Deus criou o homem como sua imagem, como imagem de Deus Ele o criou. Masculino e feminino Ele os criou.” (*Tradução Ecumênica Alemã Revisada, 2017*)

“Então Deus criou Adão, os seres humanos, como imagem divina, como imagem de Deus eles foram criados; masculino e feminino Ele, Ela, Deus os criou.” (*Bíblia em língua adequada, 2006*)

“E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; Ele os criou masculino e feminino.” (*Bíblia-Schlachter, 1951*)

“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, masculino, feminino Ele os criou.” (*Buber-Rosenzweig, 1929*)

interpretação um foco que o conteúdo deste texto não consegue exprimir totalmente, nem objetiva nem linguisticamente. Pois a determinação do ser humano à imagem de Deus (*Gênesis 1, 27a+b*) é associada em um *segundo* passo com a explicação de que a espécie ser humano foi criada “masculino e feminino” (*Gênesis 1, 27c*).

Uma reaproximação dessa passagem bíblica importante pode contemplar aspectos cristológicos (por exemplo, *Gálatas 3, 28*: “Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo.”) de uma perspectiva cristã. Além disso, também é possível recorrer à riqueza de variantes na história de sua recepção.

Por um lado, é preciso pensar nas primeiras especulações judaicas e rabínicas sobre a androginia do homem pré-histórico. Assim diz no Midrash Bereschit Rabba, do século V: “Quando o Santo, que é abençoado, criou o primeiro ser humano, ele o criou andrógino, pois está dito: masculino e feminino Ele os criou” (BerR 8, 1). Por outro lado, pode-se pensar na distinção de uma “dupla” ou “criação dupla” do ser humano na teologia da Igreja do Oriente. Segundo Gregório de Nissa (c. 335-394), por exemplo, o ser humano foi criado primeiramente como um ser espiritual andrógino e só então em sua corporalidade e sexualidade. No ser humano andrógino, ainda não sexualmente diferenciado, é vista a imagem de Deus (*Tratado sobre a estrutura do ser humano [De opificio hominis]*, cap. 16).

Expandir perspectivas

Portanto, a criação do ser humano como imagem de Deus pode ser interpretada de maneiras muito

diferentes:

- Feminilidade e masculinidade, como no próprio Deus, também podem ser encontradas em um único indivíduo.
- Dizem que todos os outros seres vivos foram criados “segundo a sua espécie”. O ser humano, por outro lado, é criado “à imagem de Deus”: Deus começa uma história com o ser humano. Assim, a história da criação não determina o ser humano (sexualmente), mas narra sobre seu futuro aberto. Segundo a vontade de Deus, a “natureza” não dita a vida humana. Isso também é evidente nas muitas histórias bíblicas nas quais Deus serve da natureza ou também supera as leis da natureza para libertar as pessoas.
- A diversidade é esperada: *Gênesis 1, 27* afirma que há diferenças entre os seres humanos, mas levanta uma questão: como as muitas pessoas diferentes podem ser a imagem da unidade de Deus? Os seres humanos são criados juntos em um movimento que visa, desde o início, a reconciliação, e se tornar um; portanto, a superação da demarcação e das relações de poder.

Nova criação em Cristo

Segundo Paulo, em Cristo já são superadas as fronteiras e hierarquias entre os seres humanos. Em um texto visionário até hoje, ele descreve a nova criação: “Pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, revestiram-se de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre masculino e feminino: pois todos vocês são um só no Messias Jesus.” (*Gálatas 3, 27s.*, cit. segundo a *Bíblia em língua adequada*).

Paulo vê na comunidade cristã o reino de Deus surgir, no qual as fronteiras anteriores são superadas: nacional, cultural e social – e até de gênero. Mesmo que ele próprio não cumpra rigorosamente essa afirmação, ele estabelece o terreno mental para romper imagens rígidas de mulheres e homens, e libertar pessoas de restrições de papéis, gênero, casamento e padrões paternos.

O quão abertamente Paulo pensa fica claro aqui quando emprega a si próprio, apenas alguns versículos adiante, a imagem do corpo de uma mulher, escrevendo: “Meus filhos, por quem de novo sinto as dores de parto” (*Gálatas 4, 19*).

“Ainda não se manifestou o que havemos de ser...” (1 João 3, 2)

Os*As autores*as e os autores da Bíblia calculam que ainda há algo para o futuro da humanidade. Eles experimentam – e nós experimentamos – o mundo existente como desastre. Dominação, opressão e exploração caracterizam o trato com a terra e a convivência entre as pessoas. Isso também afeta aqueles que não estão em conformidade com as normas (de gênero); contrasta com a esperança de um mundo no qual as pessoas se desenvolvem e se expressam livremente, fortalecendo-se e se respeitando mutuamente.

Respeito

Aqueles*as que não se enquadram nas normas (de gênero) são testemunhas do fato de que Deus não se atém às regras dos seres humanos; porém, criou cada pessoa singular e magnificamente. Elas não são doentes, estranhas ou bizarras, mas incentivos às mudanças necessárias na Igreja e na sociedade. Interesse mútuo, respeito e valorização da diversidade são as pedras basilares no caminho rumo a um mundo melhor.

Eunucos – um exemplo da diversidade de gênero na Bíblia

A propósito, a Bíblia também fala de pessoas que não se encaixam em um esquema de gênero estritamente binário mulher-homem. O Antigo e o Novo Testamento escrevem sobre “eunucos”, homens que se tornaram estéreis. A princípio, eles não eram membros de pleno direito da sociedade israelita (*Deuteronômio, 23, 2s.*). No entanto, em um confronto posterior com a violência sofrida por eunucos castrados contra sua própria vontade, eles foram recuperados: pessoas que se tornaram estéreis pela violência não deveriam dizer: “Eis que sou uma árvore seca”. Assim diz Deus : “As pessoas que se tornaram estéreis pela violência, que guardam os meus sábados, e escolhem aquilo em que eu me agrado, e abraçam a minha aliança, também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas.” (*Isaias 56, 3-5, cit. segundo a Bíblia em língua adequada*).

O Novo Testamento escreve de maneira surpreendente e positiva sobre eunucos. Jesus fala em completa igualdade de “eunucos que nasceram assim do útero materno”, eunucos “foram feitos assim pelos homens” e “eunucos que se fizeram assim por causa da proximidade [do Reino] de Deus (*Mateus 19,12, cit. segundo a Bíblia em língua adequada*).

O legado da relação cristã primitiva com eunucos é realmente libertador, mesmo que deva ser idealizado: em *Atos 8, 26-39*, Filipe não hesita um instante para batizar um eunuco etíope, ou seja, um ser humano visivelmente “diferente”, tanto pela cor da pele mais escura como também como homem “feminino”. Essa história permite pensar que a comunidade cristã primitiva claramente acolheu as pessoas em sua diversidade, sejam diferenças de idioma, cor da pele, origem social ou de gênero.

“A Bíblia como o livro da minha vida.”

Uma classificação teológica pessoal (Ivon, 41, pastor*a)

Desde que descobri que não me encaixava nos esquemas de gênero “predefinidos”, não apenas sofri pelo fato de que evidentemente eu deveria ficar me adequando o tempo todo, mas também pelo sentimento de que a Bíblia estava contra mim. “É que lá está: Deus os criou como homem e mulher. Ponto. Nada entre eles. E, também, somente homem e mulher podem ficar juntos como casal. Somente o amor deles representa Deus no mundo. Mais um ponto.”

E mesmo sabendo que Deus me amava, isso me parecia um amor insípido, seguindo o lema: primeiro você precisa ser diferente, até ser, de verdade, amável e cordial aos olhos de Deus.

A Bíblia significava muito para mim até então –, assim eu quis confiar um pouco nela. Aprofundei-me no assunto, aprendi com a leitura da teologia da libertação, feminista, *queer*, judaica e sócio-histórica. E redescobri a Bíblia como o livro da minha vida.

Aprendi várias coisas em meus estudos, o que me ajudou muito, como, por exemplo:

- A Bíblia tem uma espécie de centro interior: Deus, que quer libertar as pessoas oprimidas e sofredoras, que toma partido pelos desprovidos de direitos, que combate a morte e as forças letais – e cujo objetivo é: curar, paz, amor e vida para todas as pessoas, seja nas grandes linhas ou em narrativas breves: esse Centro ilumina sempre. E isso significa: se eles servem a esse Centro, então todos os textos podem e devem ser reexaminados sempre.
- A Bíblia não é linear, mas sim polifônica. Há um diálogo bíblico interno às vezes até contraditório – há, por exemplo, a estrutura interna da Torá e Profecia, do Mandamento e atualização crítica do Mandamento. O que serve à vida em um determinado momento pode ser um obstáculo à vida em outro momento. A própria Escritura conduz esse diálogo e nos convida a entrar nesse espaço de conversa com nossas próprias experiências. Repetidas vezes fica claro que a Escrita não pode ser usada como arma contra os outros, que ela própria se defende contra sua instrumentalização.

Também descobri que os próprios textos, que sempre foram usados contra mim/contra LGBTTIQ, também podem ser interpretados de maneira diferente e até mesmo revelar um potencial inexplorado de libertação e uma nova beleza em seus versículos. Isso foi para mim, por exemplo, com *Gênesis 1, 27*, assim (o versículo do qual, durante séculos, foi derivada a chamada “ordem da criação”, que desqualifica toda a vida LGBTTIQ). Como a Bíblia justifica a dignidade de todos os seres humanos à sua imagem de Deus, como fica claro nesse versículo que ninguém pode negar essa dignidade a outro – acho isso forte.

A Escritura tornou-se minha interlocutora e companheira constante. Ela me questiona e me permite questioná-la. E sempre admiro sua beleza e sabedoria:

- ela luta contra estruturas opressivas e pela libertação das pessoas;
- discute temas como família, gênero, transmissão de vida diversa e repleta de tensão;
- leva a sério nossas experiências humanas e nos garante que “Deus ouviu nosso grito e viu nossa necessidade”;
- chama-nos para participar da transformação do mundo;
- anuncia o Messias como aquele que está ao nosso lado compartilhando nossos sofrimentos e nossas jornadas.

E assim ela me encoraja sempre: com minhas lutas internas e minhas competências adquiridas posso me colocar no diálogo com a Escritura e também no espaço messiânico da Igreja. Acima de tudo, quando eu “sou o estímulo” para alguns na Igreja – e não apenas nesse caso –, então isso é bom, porque estímulo traz movimento – e eu acredito: Deus é quem quer manter a Igreja sempre em movimento!

Sobre LGBTTIQ, veja pg. 10

Transexualidade do ponto de vista da investigação sobre o cérebro

Enigmático

A Medicina sempre teve dificuldades com fenômenos enigmáticos e inexplicáveis à primeira vista. Isso se aplica especialmente quando estão relacionados ao cérebro/sistema nervoso. Muitas vezes os*as pacientes são entregues à psiquiatria. Isso teve um efeito duradouro na noção do fenômeno transexualidade. Durante décadas pessoas com antecedentes transexuais foram diagnosticadas com doenças psíquicas ou distúrbios.

A virada neurocientífica

Em meados dos anos 90, um repensar teve início na Medicina. Os gatilhos para isso foram os trabalhos de pesquisa em neurociência (“pesquisa do cérebro”), mas também um movimento de autoajuda crescente (comunidades e redes): as “pessoas em questão” não queriam mais ser taxadas de perturbadas mentais e portadoras de doenças incuráveis. Elas se uniram nas redes e associações para combater a tutela médica, a patologia e a discriminação social.

A neurociência começou a revolucionar conceitos sobre a transexualidade. A partir de então, o fenômeno passou a ser entendido como uma variante biológica inata de gênero.

Pesquisadores, como Milton Diamond, Dick Swaab, Frank Kruijver, Mark Solms e Vilayanur Ramachandran, desenvolveram uma nova abordagem: consideram a transexualidade como uma característica biológica de gênero do sistema nervoso em discordância (“discrepância” ou “incongruência”) com outros órgãos genitais. As pesquisadoras e os pesquisadores descobriram que o sistema nervoso tem seu próprio “gênero” e esse “gênero” do sistema nervoso em pessoas com antecedentes transexuais é diferente dos órgãos sexuais (por exemplo, pênis, vagina) ou gônadas (como testículos, ovários). Em particular, Milton Diamond conseguiu identificar, na década de 1970, que a transexualidade é uma espécie de “intersexualidade”, e diferenciou nesse aspecto duas possibilidades:

- (1) o sistema nervoso é feminino; os órgãos genitais, masculinos, ou
 - (2) vice-versa: o sistema nervoso é masculino e os órgãos genitais, femininos.
- Consequentemente, na transexualidade existem dois sexos diferentes em um organismo: sexo cerebral (sexo do cérebro) e um aparelho genital “discrepante” (não “apropriado”).

A evidência médica desse conceito é boa. Existem estudos significativos, mas isso é contestado por alguns*as psiquiatras, psicólogos*as e sexólogos*as, que continuam a insistir na interpretação do conceito de transexualidade como um transtorno mental (“disforia de gênero”) em estrito contraste com a percepção do próprio corpo das “pessoas em questão”.

O cérebro é uma espécie de “órgão central” que regula todo o organismo e determina nossas vidas. O cérebro/sistema nervoso domina a vida cotidiana, nossas ações e nossa autoimagem. Se esse órgão “funciona” sexualmente feminino, mas os órgãos genitais são orientados para masculino, as “pessoas em questão”, apesar dos órgãos genitais masculinos, tendem a se autoafirmar: “Eu sou mulher, eu me percebo como mulher”. Portanto, em rigor, trata-se de uma mulher com pênis. Se, por outro lado, o cérebro funcionar sexualmente masculino (apesar do órgão sexual feminino), a autodeclaração feita pela pessoa será: “Eu sou homem, eu me percebo como homem”. *Ergo*: um homem com vagina.

Portanto, também é mais apropriado, segundo Diamond, não definir o gênero logo após o nascimento, com um simples olhar lançado aos órgãos genitais, em um ato de atribuição, mas primeiro esperar até que o cérebro/sistema nervoso se desenvolva até o ponto em que o indivíduo possa sentir seu próprio gênero. Assim incluem, para Diamond, no que diz respeito à “determinação sexual” pessoal, sobretudo as autodeclarações “eu sou homem”, “eu sou mulher” ou “eu sou, de alguma forma, ambos”; pois o gênero, como Diamond formulou incontestemente, “fica entre as orelhas”.

“Eu sou homem.”

Percepção da discrepância de gênero

A discordância congênita entre “sexo do cérebro” e sexo físico pode, antes de tudo, “adormecer” por anos, décadas, até que um desconforto evidente se torna perceptível. Uma mulher transexual, Olivia, descreve: *Uma manhã, no início da minha puberdade, acordei com um repuxão, isto é, uma leve dor no peito. Perguntei imediatamente a minha mãe se isso era normal. Ela disse, bem-humorada, “agora você vai ganhar seios”. Em mim surgiu um pequeno vislumbre de esperança, talvez eu ainda me torne mesmo meio mocinha. Apalpei meus mamilos e realmente tive a sensação de que algo estava crescendo. Mas depois de uma semana, o sonho acabou, o peito permaneceu liso e logo depois começou a mudança de voz.*

Além desse desconforto relacionado ao corpo (por exemplo, “algo está faltando”/“algo está sobrando”), há vários outros modelos individuais dessas discrepâncias de gênero. Isso se expressa, por exemplo, quando homens com antecedentes transexuais descrevem suas formas corporais (“femininas”) como lhes sendo muito estranhas; as curvas femininas típicas, os seios, as nádegas e os quadris, considerariam repulsivos. Até os órgãos internos podem ser vistos como perturbadores, como local e espaço internos que reivindicam. Descrições típicas nesse contexto: um homem descreve o desconforto grave, percebendo seu útero como tormento-supérfluo, espaço “suplantado”. Quando muito, durante muito tempo foi possível especular sobre como essas sensações de discrepância sexual e corporal se manifestam.

“Eu sou mulher, percebo-me como mulher.”

O pesquisador do cérebro Vilayanur Ramachandran conseguiu resolver esse “mistério” em 2008. Em um estudo com pessoas que vivem essa discrepância, descobriu que muitos deles têm percepções de membro e experiências fantasmas. Uma mulher transexual, Sandra, relata: *De algum modo, meus seios fantasmas são ilusórios. Eles aparecem e somem. Então sinto no peito uma estrutura macia, misteriosa, cinza claro “esfumada” e intangível. Consigo ver os seios inexistentes com meu olho interno e, se eu mover lentamente a parte superior do meu corpo, posso estimar o tamanho aproximado dos seios.*

Mapas do corpo – seios-fantasma, pênis-fantasma

Sabe-se da neurologia que os membros-fantasma são percebidos quando o sistema nervoso, especialmente o cérebro, “espera” partes do corpo, sem que elas sejam existentes (por exemplo, após amputações das pernas, a perna não está mais presente; mas, no cérebro, a imagem da perna persiste). No cérebro existem os chamados mapas corporais de todo o corpo, que permitem ao indivíduo se orientar espacialmente em relação às partes individuais do corpo.

Uma mulher transexual, Alexia, refletiu sobre os resultados da pesquisa de Ramachandran e escreve: *Basicamente, um mapa cérebro-corpo serve como orientação para o próprio corpo. Graças ao mapa, sei onde estão meus pés em relação a outras partes do meu corpo, e posso andar sem precisar ajustar cada movimento com o ambiente circundante. Com os olhos fechados posso guiar a ponta do meu dedo indicador até a ponta do nariz em um movimento retrógrado. Então o “mapa do corpo” é o mapa do meu corpo físico na minha cabeça. Agora, sobre o gênero: esses*

mapas corporais no cérebro podem ser variantes e também aspectos sexuais da aparência física. Eles podem estar de acordo com os aspectos visíveis, mas não necessariamente. Eles podem ser sexualmente explícitos, mas não necessariamente. Esse mapa corporal na minha cabeça me diz que DEVE haver um braço aqui e uma perna acolá. Se algo está faltando, tenho sensações-fantasma. Eventualmente esse mapa também pode dizer que DEVE haver um seio no peito. Se, então, não houver, haverá uma discrepância e, desta, pode resultar desconforto.

“O órgão sexual mais importante não se localiza entre as pernas, mas entre as orelhas.”

Milton Diamond, sexólogo americano, da Universidade do Havaí, *1934

Corpo vivo e corpo a exemplo da transexualidade

Discrepâncias corporais de gênero

Na medicina do século XX foram desenvolvidos dois pontos de vista fundamentalmente diferentes sobre o organismo humano. Pode-se considerá-lo fisicamente, como “corporal”, “carnal”, e de vida animada, e/ou do ponto de vista das ciências naturais clássicas, como “mero” físico. Trata-se de um e do mesmo fenômeno (princípio da “unidade do corpo vivo”), só que examinado de perspectivas diferentes.

O aspecto do corpo pode ser definido, observado e classificado. O corpo é algo sólido, delineado. Corporal e fisicamente, por outro lado, são, antes, perceptíveis de modo subjetivo, sem contornos nítidos. Para MIM é difícil classificar com exatidão o aspecto do corpo vivo. Tenho um corpo, EU sou vida física (“corporal”). Sobre o corpo fala-“se” na 3ª pessoa; sobre MEU corpo vivo, só na primeira pessoa/eu-forma. Pode-SE observar o corpo com todos os sentidos, tatear, ouvir (voz!). Sinto MEU corpo vivo integralmente com todos os sentidos juntos. Pode-se medir o corpo e partes do corpo; “corpo vivo”, no entanto, EU experimento como ilhas “difusas”, não mensuráveis.

De acordo com esses pontos de vista, as discrepâncias de gênero podem ser reconhecidas/percebidas fisicamente, mas também sentidas (por mim) vivas corporalmente. “Alguém” pode observar constante e especificamente se a terapia hormonal está “funcionando” e os pelos da barba ficando mais finos. O cachecol deve esconder o protuberante pomo-de-adão. Essas discrepâncias são percebidas de maneira bastante concreta. O “indivíduo” as carrega/tem visíveis “no corpo”. Posso sentir discrepâncias de gênero (e, claro, só eu), mas também sob o “aspecto do corpo vivo”: do ponto de vista físico, as discrepâncias fazem parte do componente e característica da autopercepção pessoal. Na autoperspectiva, mostra-se: isso sou EU. Elas pertencem a mim, são minha “marca registrada”, pessoal.

Aqui não percebo nada distanciado, mas sinto-me sexualmente congruente ou incongruente.

Citações de pessoas que descrevem suas discrepâncias físicas:

- “Meu” pênis me perturba por sua permanente presença angustiante e embaraçosa;
- “meu” – melhor: experimento o pomo-de-adão como bizarro e estranho;
- sinto-me com o útero “como se estivesse cheia de algo estranho”;
- o seio que falta me deixa triste e deprimida.

Sofrer com essas discrepâncias pode ser cruel, pode destruir, minar, até mesmo aniquilar, atordoar emocionalmente e arruinar profundamente toda a existência.

Corpo vivo e corpo não são oposições, mas sim uma unidade interligada. Pessoas com transexualidade precisam de congruência fundamental, basilar e corporal de gênero: EU percebo minhas discrepâncias como fundamentais e, de muitas maneiras incongruentes. As muitas incongruências de corpo, corporeidade e de gênero básicas estragaram MINHA vida. Não se trata de ideais de beleza (*Enhancement*) ou tendências de moda, mas de necessidade existencial.

Também é importante: o aspecto de gênero do corpo vivo sempre inclui aspectos sociais e emocionais, papéis masculinos, papéis femininos (“gênero”), mas também acessórios, vestuário, joias, cosméticos. Eles devem ser pensados e considerados junto, ou seja, pensados a bem de todos, quando dizemos “corporeidade”. Especificamente isso significa que a discrepância corporal de gênero também é vivenciada e alterada, assim, no vestuário, nome, comportamento etc.

Congruência sexual de corporeidade e corpo, e dinâmica de congruência

Nas biografias das “pessoas em questão”, fenômenos próprios, experimentados de maneira positiva, manifestam-se relativamente cedo. Eles surgem, por exemplo, quando aparentes “mocinhos”, crianças e adolescentes, “experimentam” espontaneamente as roupas da mãe ou da irmã e, assim, vivenciam sentimentos de felicidade surpreendentes e jamais experimentados. Essas atitudes de experienciar acontecem a partir de uma reação visceral, deixam marcas profundas e são pioneiras de outras atitudes espontâneas de “experimentações”. Nessas circunstâncias, as pessoas experimentam coerência e felicidade. Elas têm uma impressão de congruência corporal de gênero.

Através desses sentimentos positivos marcantes numa ação espontânea, é gerada uma espécie de “dinâmica”, a partir da qual resulta imediatamente o fluxo de outras ações espontâneas. As experiências de felicidade tornam-se formativas, cavam muito fundo no cérebro e podem, assim, servir como pioneiras (“anseio por congruência”) para o andamento seguinte. Os sentimentos de felicidade experimentados no âmbito das ações são orientações para um maior desenvolvimento, pois permanecem na memória indelévelis.

Intenções de congruência – transição

Os atos espontâneos auspiciosos produzem cada vez mais sua dinâmica positiva inerente. Consciência, conhecimento e reflexão crescem paralelos à dinâmica da congruência. Daí decorre, ao mesmo tempo, o plano para melhorar a coerência de gênero por meio de considerações factuais e da conversão de uma reatribuição de gênero. Redesignações sexuais e adequações (transição) podem ser feitas em dois níveis:

Nível 1 – Mudança da vida cotidiana: como parte do processo de adaptação, mudanças no estilo de vida e no ambiente são realizadas. Isso pode significar sair do estilo de vida sexual atribuído, alterando o primeiro nome e alterando os padrões comportamentais diários do indivíduo (por exemplo, aparência comunicativa, roupas etc.).

Nível 2 – Igualdade médico-físico de gênero: isso é feito através de medidas/ações médicas concretas, como terapia hormonal e cirurgias. O critério para a resolução e o sucesso da transição é a sensação de ser íntegro e saudável, ou seja, a extensão da dinâmica da congruência.

Uma mulher, Sabine, descreve:

Após a mudança oficial e as cirurgias, tudo fluiu junto. Vivi fases em que tudo foi incrivelmente fácil. A vida e o cotidiano pareciam uma única recompensa. Não havia mais objetivos, eu simplesmente ERA. Meu EU, anteriormente tão importante, não parecia desempenhar mais papel algum. Tudo funcionava, meu corpo parecia uma unidade e sentia-se bem. Corpo, mente e alma pareciam fundidos.

Transição

Corpo, mente e alma

Crianças e adolescentes

Nos últimos anos houve um aumento da visibilidade média de crianças e adolescentes trans*. A divulgação das experiências de crianças e adolescentes trans* e de suas famílias permite que outras pessoas tenham empatia – ou se reconheçam. Em particular, informações úteis podem ser encontradas na internet hoje em dia. Como resultado, há uma sensibilidade maior em relação às crianças e adolescentes trans*.

Como trans* é um aspecto pré-natal imutável, não apenas os adultos, mas as crianças e os adolescentes também experimentam seu gênero como diferente do gênero atribuído no nascimento. Crianças e adolescentes têm direito à autodeterminação sexual. Só eles sabem a que gênero (não) são designados, são especialistas em si mesmos. Jamais alguém pode avaliar o gênero de uma pessoa com competência. Algumas crianças e adolescentes percebem seu gênero como inequívoco “masculino” ou “feminino”, outros duvidam por um tempo relativamente longo ou encontram-se fora dessa identidade binária.

Veja capítulo “Gênero”, pg. 12

Declarações de crianças e adolescentes

Algumas crianças e adolescentes falam explicitamente sobre seu gênero, referindo-se a si mesmas como “meninas” ou “meninos”, contrário ao gênero atribuído. Comportamentos não-verbais, no entanto, são mais comuns: crianças e adolescentes geralmente preferem roupas, cortes de cabelos, atividades ou amigos*as que correspondam à sua autopercepção sexual. Nesse ponto, é necessária uma alta dose de sensibilidade, porque é claro que nem toda garota de cabelos curtos é um garoto trans*, e nem todo garoto que gosta de usar vestidos, uma garota trans*.

No sentido do desenvolvimento da personalidade e da pedagogia sensível ao gênero, todas as crianças e adolescentes, ao encontrar e viver seu gênero, devem ser encorajados*as.

As crianças geralmente expressam seu gênero de forma natural e espontânea, enquanto adolescentes (mais velhos) passam pelo processo de autoconhecimento da transexualidade de forma independente; encontram informações, apoio e conselhos na internet e em vários centros de acolhimento.

Entrevista com Paula

(7 anos, Sul de Hessen, aluna)

Paula é uma garota trans*. Suas características físicas são masculinas e, por isso, seus pais a criaram como filho. No entanto, ela soube muito cedo que era uma menina e queria viver como tal. Com o apoio de seus pais, ela trocou o papel social de “menino” para “menina”. Naturalmente também aprendeu a usar o termo trans* para descrever a si mesma.

Como foi que percebeu que você é trans*?

Percebi isso porque todo mundo me chamava de menino, mas normalmente eu gostava de usar vestido. No meu coração, sempre me senti menina.

Como é que se sente isso? Como você lida com isso?

Às vezes me sinto um pouco idiota porque os outros riem de mim ou não me entendem. Mas na verdade é bom ser uma garota.

Que experiências você teve com sua igreja em relação a trans*?

No coral infantil, contei a todas as crianças. A regente já sabia, mas eu queria contar às crianças para que elas não ficassem sabendo disso por outras pessoas. Me sinto muito bem no coral infantil da comunidade religiosa, ninguém ri de mim e todo mundo fica junto. O coral das crianças evangélicas é um dos meus lugares favoritos.

O que sua igreja deveria fazer sobre o tema diversidade de gênero?

Na minha comunidade, eles já fizeram tudo o que podem por mim. Eles me aceitam e me apoiam. Os pastores podem dizer no culto religioso que as pessoas trans são tão importantes quanto todas as outras.

Reações do ambiente

Os pais e o meio ambiente reagem de maneira muito diferente quando crianças e adolescentes se comportam de maneira normativa quanto ao gênero ou se assumem como trans*. Para o ambiente, uma transição está antes de mais nada frequentemente associada a tristeza, insegurança e medo. É necessário se desvencilhar de ideias específicas de gênero sobre crianças e adolescentes para, então, conhecê-las “novas”.

Pais e mães apoiam seus filhos e filhas no sentido do incentivo acima descrito e permitem a livre escolha de vestuário, hobbies etc. Conversam com os filhos de maneira aberta e apreciativa sobre gênero, acompanham-nos e os apoiam nas etapas de transição, na escolha de um novo nome e ajudam as filhas e os filhos a imporem seu direito à autodeterminação em relação à família, escola etc. Essa abordagem é a única que comprovadamente não é prejudicial às crianças. Outros pais preocupam-se com a exclusão e o assédio moral e, assim sendo, permitem que seus filhos e filhas se comportem de acordo com sua autopercepção sexual somente em um ambiente protegido (por exemplo, em casa). Outro grupo de pais ignora e nega as manifestações dos filhos e filhas. Eles impõem uma vida de preferência compatível com a norma do gênero atribuído. Ao fazer isso, prejudicam os filhos e filhas, pois mesmo com a ajuda das chamadas “terapias de conversão”, não é possível mudar a experiência sexual de uma pessoa.

Lei dos*das Transexuais – LTS (*Transsexuellengesetz – TSG*)

Possibilidades de transição

Assim como as pessoas trans* adultas, crianças e adolescentes também sofrem quando não podem viver de acordo com sua autopercepção sexual. As seguintes medidas podem ajudar crianças e adolescentes trans*:

- Transição social: refere-se à aceitação (inicialmente informal) de um novo primeiro nome e à mudança para um papel de gênero diferente. A pessoa passa a viver como um “menino”/“menina”.
- Mudança de nome e registro civil: a própria Lei dos*das Transexuais (*Transsexuellengesetz – LSG*) não estipula uma idade mínima; portanto, crianças e adolescentes também podem ter seu primeiro nome e registro civil alterados legalmente de acordo com o procedimento da *TSG*.
- Medidas médicas geralmente não são aconselháveis antes do início da puberdade. A puberdade “à direção errada” pode ser postergada com medicação. Assim, os adolescentes não desenvolvem as características sexuais “erradas”, como seios, mudança de voz etc. Posteriormente, os*as adolescentes podem começar uma terapia hormonal do “sexo oposto”, isto é, eles*elas passam a puberdade que corresponde ao seu gênero. Adolescentes com 16 anos de idade ou mais podem ser submetidos à cirurgia de redesignação sexual (por exemplo, mastectomia); a cirurgia de transgenitalização é realizada somente em adultos. Um pré-requisito para todas as medidas médicas é uma indicação médica apropriada.

Autopercepção

Apoio

As crianças e os adolescentes geralmente vivenciam a existência trans* de uma maneira angustiante. Sofrem por estar no gênero “errado”, experimentam a si mesmos como “diferentes” e são isolados com suas experiências particulares no grupo de pares. Ao mesmo tempo, sobretudo os jovens temem se revelarem, receiam rejeição, discriminação e violência. A tarefa de desenvolvimento de formação de identidade e autonomia coloca grandes desafios para todos os adolescentes, mas coloca ênfase particular nos adolescentes trans*.

De fato, muitas crianças e adolescentes trans* sofrem discriminação e violência e geralmente sofrem estresse mental. Isso se aplica principalmente se eles não recebem apoio de suas famílias ou sofrem discriminação múltipla. O apoio a crianças e adolescentes trans* é, portanto, uma tarefa importante! Acordos diretos, pessoais e possivelmente confidenciais e conversas sobre trans* são essenciais.

Também é crucial informar as crianças e os adolescentes sobre trans* de maneira adequada e apropriada à idade e permitir que eles entrem em contato com outras pessoas trans*.

Crianças e adolescentes trans* e, também, seus pais precisam de educadores*as em jardins de infância, professores*as), pedagogos*as em centros de jovens, voluntários*as em trabalhos com crianças e jovens, que tenham conhecimento sobre trans* e uma atitude que promova o direito de autodeterminação das crianças e jovens em todos os sentidos. Treinamento e educação relacionados a esse tópico são indispensáveis. Independentemente do caso concreto, deve prevalecer uma atmosfera avaliativa e pluralista com base na ideia de inclusão. Inclusão significa abolir o “normal” e, em vez disso, reconhecer a diversidade individual.

Atribuição de gênero

Termo de valor neutro usado para nomear o gênero atribuído à criança no nascimento com base em seus órgãos genitais.

Terapia de conversão, terapia reparativa

Métodos de psicoterapia pelos quais pessoas devem ser supostamente “curadas” da homossexualidade/trans*; rejeitado por todas as principais sociedades psiquiátricas e psicológicas internacionais devido aos efeitos prejudiciais comprovados.

Relacionamento com a transexualidade na vida comunitária

Em muitos campos de trabalho da Igreja e Diaconia, ignora-se a presença da transidentidade. A seguir serão apresentados exemplos de alguns campos nos quais pessoas que transitam na transexualidade são negligenciadas, não são consideradas, muito menos nomeadas, e apresentadas estratégias sobre como ser mais sensível à diversidade de gênero.

Assistência espiritual

Assistentes espirituais precisam de conhecimentos sobre transidentidade. Eles e elas devem saber que a autoconsciência de gênero pode diferir da atribuição de gênero e que as pessoas têm direito à autodeterminação sexual. Atualmente isso é discutido apenas periféricamente na formação de assistentes espirituais.

Assistência espiritual encoraja a aceitação da autoconsciência de gênero e a reivindicar o direito de autodeterminação sexual. Apoia pessoas em questões partidárias e judiciais contra hostilidade, assédio moral e chavões de mesas de bares.

Se a assistência espiritual não puder ser garantida nesse sentido, o*a assistente espiritual recomenda um*a colega competente.

Culto religioso

No culto religioso deve se manifestar o amor de Deus às pessoas, sua semelhança e diversidade. Os visitantes sentem que são bem-vindos. No entanto, os*as liturgistas geralmente reproduzem normas de gênero estritamente binárias. Por exemplo, na oração do Psalm conjunta, na troca entre homens e mulheres. Os transidentidades, que ainda não se assumiram, são forçados a uma identificação reconhecível que contradiz sua autopercepção e os obriga a divulgá-la. As pessoas que não querem uma atribuição clara de gênero veem-se obrigados a se decidirem.

Certamente existem outras divisões possíveis. Tradicionalmente, o*a liturgista* fala a uma parte e a comunidade responde. Mas também é possível encontrar, de maneira criativa, novas divisões: os adeptos e os recém-chegados; aqueles que pertencem às sociedades batismais e todos os outros; os*as de olhos verdes e de olhos não verdes etc.

Na homilia e na liturgia deve-se aproveitar a oportunidade para nomear a diversidade dos gêneros e apresentá-los como desejados, aceitos e amados por Deus, por exemplo, da série Perícopes 3:

- Segunda-feira de Pentecostes: *1. Gênesis 11, 1-9*: “Torre de Babel”, sob o aspecto “O que divide os seres humanos”;
- 10º domingo após a Santíssima Trindade: *João 2, 13-22*: “O Templo do Corpo”;
- Dia da Expição e Oração: *Mateus 12: 33-35*: “As pessoas devem prestar contas das coisas boas e ruins que tiverem falado”.

Outros possíveis textos de Sermão:

- A Aliança que Deus faz com Abrão (*Gênesis 17, 1-5*): Deus dá a Abrão e Sarai uma tarefa e novos nomes, ele assegura Sua companhia;
- a luta de Jacó no vale de Jaboque (*Gênesis 31, 23-31*): Jacó quer mudar sua vida para melhor, ele volta, luta e permanece uma ferida;
- Deus leva seu povo para fora da Babilônia (*Isaiás 43, 14a18-21*): Deus liberta e possibilita um novo começo;
- a cura de um enfermo na piscina de Betesda (*João 5, 1-9a*): Pela graça e observância de Deus, o homem torna-se (de novo) capaz de agir e é curado.

Na confissão do pecado – também na liturgia da Eucaristia – pode-se dizer que a Igreja e a sociedade roubam as pessoas de sua autodeterminação de gênero. Em um discurso batismal, além da decisão dos pais e padrinhos de batizar um filho, é falado que se deve ver com surpresa cheia de amor e gratidão o que essa criança descobrirá por si mesma à medida que crescer, como ela mesma se vê, descreve e define.

Senhor, meu Deus, Tua sabedoria, Tuas obras e, especialmente, Teu amor, são indescritivelmente grandes, demasiadamente grandes para entendê-los ou traduzi-los em palavras. Nem sempre entendemos Teus planos para conosco. Encontro-me no limiar de nova transformação em que começo a entender que o que Tu planejas fazer comigo é algo único e maravilhoso. Nem todas as pessoas podem ver dessa maneira. Peço a Ti que nos ajude a reconhecer que Teu plano tantas vezes é maior do que nosso entendimento. Ensina-nos a confiar que queres o nosso bem. Portanto, confessarei perante o mundo que Tu és meu Deus e louvarei Teu nome em voz alta. Amém!

Deus, queixo-me da escuridão em que me colocaste. Queixo-me do que tive de desistir. E agradeço-Te pela luz que fizeste sobre mim: [pessoas, amigos, família, senso coerente de ego/sensação de corpo, nova segurança, ideias]. Obrigado por me dar o conhecimento de mim mesmo. Obrigado por me mostrar um caminho. Obrigado por eu poder viver do meu jeito. E peço que continues me acompanhando e me guiando. Amém!

Deus, do fundo do meu coração, obrigado, pois doravante meu nome é ...! Um passo importante no caminho da coerência, no caminho para mim mesmo! Ajuda as pessoas ao meu redor a aceitarem logo meu nome novo, ajuda as pessoas a trilharem ao meu lado o caminho da minha transição, pois estou inserido em uma família, em um círculo de amigos, que estão ao meu lado. Obrigado, Deus, por caminhar ao meu lado. Amém!

Deus, encontro-me diante de Ti como... Um nome é mais do que apenas uma palavra, uma denominação; meu nome me descreve. Tu conheces minha história e eu... Meu novo nome deve incorporar o que me pertence e excluir dele o que eu não era e sou. Encontro-me diante de Ti como um ser humano, que concebeste e criaste. Amém!

Da agenda: “Uma bênção para pessoas trans*. Agenda para uma eventualidade por ocasião de uma transição.” (*Ein Segen für Trans* Menschen. Agende für eine Kasualie anlässlich einer Tradition.*)
www.quikt.de/seggen-ritus-kasualie

Alguma dúvida?

A revelação de identidade de um*a conhecido*a já me aborreceu – como faço para lidar com isso?

Toda revelação de identidade é uma prova de confiança. A primeira reação pode ser, por exemplo, parabenizar por esse passo corajoso e ouvir o que ele*ela tem para contar; e fazer as perguntas que quiser, se for o caso.

Eu tenho muitas dúvidas – posso fazer perguntas?

Em princípio, é claro que se pode perguntar tudo. Como todos os seres humanos, as pessoas trans* têm sua vida particular. Pode haver uma grande curiosidade, mas o respeito exige consideração pela privacidade do outro. Depende da situação e do relacionamento com a pessoa.

É uma outra pessoa, a que tenho, então, na minha frente?

Não. Ele*Ela é a mesma pessoa como antes.

Como abordar meu*minha interlocutor*a então?

Assim como ele*ela gostaria e formulou: com o novo nome e o pronome correspondente.

Onde ele*ela vai ao banheiro?

Lá, onde ele*ela se sente confortável.

É ruim se às vezes eu uso o gênero antigo por hábito?

Sim. Impreterivelmente, evitar! E se isso acontecer, peça desculpas abertamente. É melhor e mais honesto do que simplesmente passar por cima disso. Aguarde o pedido de desculpas ser aceito.

Como eu falo sobre o passado, isto é, quando ele*ela vivia em um outro gênero?

No novo gênero ou gênero neutro. Melhor perguntar.

Meu*Minha interlocutor*a quer ser tratado*a com seu nome social – ele*ela pode agir dessa maneira?

Sim! Pode-se ser abordado por outras pessoas como quiser. No entanto, não se pode alterar documentos oficiais, como carteira de identidade, dados bancários e certidão de antecedentes criminais.

Meu*Minha interlocutor*a precisa de ajuda? Será que ele*ela está doente?

Trans* não é uma doença; em alguns casos, uma situação difícil. Se você acha que o*a interlocutor*a não está bem, pode tocar no assunto, lembrando que a privacidade deve ser respeitada!

Como posso ajudar na revelação de identidade?

Chegue a um acordo com a pessoa trans* *se* e *como* essa ajuda pode ser bem-vinda.

O que dizer aos nossos parentes, amigos*as e colegas de trabalho?

Primeiro pergunte à pessoa trans* *se* e *como* pode ser contado. Se a pessoa trans* não quiser, não conte a ninguém! Se a pessoa trans* não tiver nenhum problema com isso, fale de maneira não dramática e positiva quanto possível.

O*A colega pode dissimular sua identidade verdadeira, para que o colégio inteiro não fique exasperado?

Pode-se, é claro, assumir-se gradualmente. A pessoa trans* escolherá o caminho que lhe parecer apropriado.

Como supervisor*a/colega, como posso apoiar meu*minha funcionário*a?

Como supervisor*a, você deve, ao mesmo tempo, considerar as necessidades da pessoa trans* e as dos outros funcionários. A pessoa trans* tem direito a proteção contra discriminação. No interesse do ambiente de trabalho, você deve apoiar todos os funcionários em seu desenvolvimento futuro.

Possíveis intervenções* médicas

Gestão de caso médico

A adequação/redesignação é um processo muito complicado que precisa ser bem planejado. Muitas vezes também existem dificuldades na realização (perda de emprego, separação do*a parceiro*a, discriminação etc.). Um supervisor de casos pode ajudar e aconselhar no planejamento e realização da transição. Infelizmente, o instrumento da gestão de casos ainda não é usado o suficiente. Como muitas das opções médicas podem ser pagas pelo seguro de saúde, os*as clientes geralmente precisam de suporte médico, por exemplo no esclarecimento da aprovação de custos pelos caixas dos planos de saúde. A gestão de casos pode ser realizado por todos*as os*as médicos*as, psicólogos*as e assistentes sociais.

Tratamento hormonal

O hormônio usado terapeuticamente para a feminização chama-se Estradiol. Pertence ao grupo de estrogênios e pode ser usado na forma de injeções, comprimidos, adesivos ou gel. O Estradiol muda o corpo, tornando-o mais feminino. O hormônio usado terapeuticamente para a masculinização chama-se testosterona. A testosterona encontra-se disponível como gel para aplicação na pele ou como injeção. O rosto e o corpo tornam-se mais masculinos em geral. Deve-se observar, no entanto, que todas essas alterações são individualmente diferentes e não ocorrem na mesma extensão.

Logopedia ou terapia da fala

O tratamento logopédico desempenha um papel central na feminização do corpo sexual. Para esse fim, é efetuado um treinamento de voz especial.

Cirurgias de feminização

A mama também pode ser aumentada cirurgicamente através da inserção de implantes (aumento cirúrgico da mama). Na cirurgia genital, os testículos e o pênis são removidos cirurgicamente. Dos seus tecidos, são formados uma vagina, clitóris e lábios externos e internos. O desenvolvimento de uma voz feminina pode ser auxiliado por uma cirurgia das cordas vocais ou alteração da laringe. Também é possível uma cirurgia para feminização facial com várias técnicas projetadas para deixar o rosto parecer mais feminino, principalmente por meio de alterações nos ossos faciais, como o queixo e as maçãs do rosto. Desgastando o pomo-de-adão proeminente, ele pode ser reduzido em tamanho.

Cirurgias de masculinização

Os seios podem ser removidos cirurgicamente e, ao mesmo tempo, ser formado um peito masculino. Muitas vezes, o útero e os ovários são removidos. Além disso, é possível, com várias cirurgias muito complexas, construir um pênis.

Através dessas medidas médicas, as pessoas transexuais podem ter seus corpos redesignados. Os custos são geralmente pagos pelo seguro de saúde. *Se e quais* medidas são executadas é uma decisão individual.

*Rede Transgênero Suíça (*Transgender Network Switzerland – TGNS*): Trans*. Um livreto informativo de pessoas trans para pessoas trans e todas as outras. Zurique, 2017.

Direitos

Lei dos*as Transexuais – LTS (*Transsexuellengesetz – TSG*)

Nessa lei, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1981, a mudança do primeiro nome e gênero de registro é regulamentada em casos especiais. Para isso, as pessoas trans* devem apresentar uma solicitação ao Tribunal Distrital e “provar” por meio de declarações de dois psiquiatras que são trans*. O Tribunal Constitucional Federal declarou inúmeras prescrições do *TSG* como inconstitucionais e inválidas. A necessidade de reforma do marco regulatório é, portanto, amplamente reconhecida, motivo pelo qual, como mostram os recentes projetos de lei, deve ser substituída por um procedimento de aplicação simples (autodeterminação de gênero no sentido de autodeclaração da pessoa sem outras obrigações de prova).

Proibição de divulgação

Se um primeiro nome e uma mudança de registro civil foram feitos de acordo com o *TSG*, aplica-se a chamada “proibição de divulgação”. Para proteger a privacidade, informações sobre o status sexual passado da pessoa não podem ser partilhadas (por exemplo, o nome antigo). A pessoa tem o direito de excluir o nome ou o gênero antigo dos sistemas de computador e reemitir documentos e certidões originais.

Sem alteração do nome oficial e registro civil

Se não houver mudança de nome e registro civil de acordo com o *TSG*, o nome ou o gênero não poderá ser alterado nos sistemas de registros da Igreja nem nos livros paroquiais, para permanecer de acordo com os dados de registro civil e de registro do Estado. Obviamente, o novo nome pode ser usado oralmente; bem como por escrito, como, por exemplo, em protocolos e publicações.

Dormitórios em retiros de jovens

Nos retiros, os*as participantes geralmente são acomodados*as em dormitórios separados por gênero, para evitar atos sexuais e violência sexual. Isso refere-se ao dever de supervisão e da proibição de promover atos sexuais de menores de acordo com o § 180 do Código Penal (*Strafgesetzbuch – StGB*).

Para todos os retiros, aplica-se o dever de supervisão e a proibição de promoção de atos sexuais de menores de acordo com o § 180 StGB. Se os adolescentes são alojados em dormitórios separados por sexo, resulta uma incerteza jurídica para uma pessoa trans* que passou pela transição social, mas não há mudança de nome e registro civil de acordo com a lei dos*as transexuais (*TSG*).

Em qual dormitório a pessoa deve passar a noite? A maneira legalmente “estranque” seria acomodar a pessoa trans* em um quarto individual. No entanto, em muitos casos, isso seria visto como exclusão e estigmatização. A pessoa responsável também pode aceitar a incerteza jurídica e, juntamente com a pessoa trans* e possivelmente outros participantes do lazer, encontrar uma solução individual para esses e outros desafios semelhantes. Quem sabe aparecem amigos*as que dividem um quarto!

Terceiro registro de gênero

As pessoas têm direito a um registro de sexo que corresponda ao seu gênero. Isso também se aplica àqueles, cujo desenvolvimento de gênero apresenta variantes em relação ao desenvolvimento de gênero feminino ou masculino e que permanentemente não se incorporam ao gênero masculino ou feminino. Isso foi decidido pelo Primeiro Senado do Tribunal Constitucional Federal em 10 de outubro de 2017 (número de referência: 1 BvR 2019/16).

A “Lei para alteração das informações a serem inseridas no registro de nascimento”, que entrou em vigor em 22 de dezembro de 2018, deu ao legislador a opção de inserir uma terceira designação positiva do gênero, além de “masculino” ou “feminino” na certidão nascimento. O referido parágrafo da Lei do Status Civil (*Personenstandsgesetz – PStG*) passa a ter a seguinte redação: “Se a criança não puder ser incorporada nem ao sexo feminino nem ao masculino, o status civil também poderá ser inserido no registro de nascimento sem essa indicação ou com a palavra 'diverso’” (§ 22 *Abs. 3 PStG*) Até o momento, o atual regulamento legal destina-se exclusivamente a pessoas intersexuais.

No entanto, essa resolução não altera o fato de que o gênero de uma pessoa inicialmente permanece o resultado de uma atribuição alheia por terceiros. Instituições e Entidades de interesse também criticaram que as pessoas com variantes do desenvolvimento sexual conforme o § 45b parágrafo 3 *PStG* devem fornecer prova da entrada “diverso” no registro de nascimento por “apresentação de um atestado médico declarando uma variante do desenvolvimento sexual”. Uma declaração de próprio punho não é suficiente para este fim. Assim, ainda há necessidade de ação, uma vez que o direito à autodeterminação sexual ainda não é concedido a todas as pessoas.

Informações suplementares

Referências bibliográficas

Udo Rauchfleisch. **Transsexualität – Transidentität. Begutachtung, Begleitung, Therapie** [Transsexualidade – Transidentidade. Avaliação, acompanhamento, terapia]. 5ª edição inalterada. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2016. (200 p.)

Gerhard Schreiber (ed.). **Transsexualität in Theologie und Neurowissenschaften. Ergebnisse, Kontroversen, Perspektiven** [Transsexualidade em teologia e neurociência. Resultados, Controvérsias, Perspectivas]. Berlin e Boston: Walter de Gruyter, 2016. (745 p.)

Gerhard Schreiber (ed.). **Das Geschlecht in mir. Neurowissenschaftliche, lebensweltliche und theologische Beiträge zu Transsexualität** [O gênero em mim. Contribuições neurocientíficas, da autenticidade da vida e teológicas sobre transexualidade]. Berlin e Boston: Walter de Gruyter, 2019. (355 p.)

Gerhard Schreiber. “Jenseits der Geschlechterbinarität. Transsexualität, Theologie und Kirche” [“Além da binaridade de gênero. Transexualidade, Teologia e Igreja”], in: Marriage, Families & Spirituality [Casamento, Famílias e Espiritualidade], vol. 23, 2017, pp. 52-69.].

Gerhard Schreiber. “Geschlecht als Leerstelle? Zur Verfassungsbeschwerde 1 BvR 2019/16 gegen die Versagung eines dritten Geschlechtseintrags” [“Gênero como espaço vazio? Sobre a denúncia constitucional 1 BvR 2019/16 contra a recusa de um terceiro registro de gênero”]. in: Ethik und Gesellschaft, nr. 1, 2017.

Reformation für Alle*. Transidentität/Transsexualität und Kirche [Reforma para Todos*as. Transidentidade/Transsexualidade e Igreja]. Ed. por dgti. MR, em cooperação com Asta Dittes, Livia Prüll, Anne Scheschonk, Johanna Schmidt-Räntsch und Gerhard Schreiber. Berlin: dgti MR, 2017. (96 p.)

Erik Schneider/Christel Balthes-Löhr (eds.). **Normierte Kinder. Effekte der Geschlechternormativität auf Kindheit und Adoleszenz** [Crianças Padronizadas. Efeitos da normatividade de gênero na infância e adolescência]. 2ª ed., Bielefeld: transcript, 2015. (402 p.)

Klaus-Peter Lüdke. **Jesus liebt Trans. Transidentität in Familie und Kirchengemeinde** [Jesus ama Trans. Transidentidade na família e na comunidade religiosa]. Göppingen: Manuela Kinzel Verlag, 2018 (80 p.)

Diverse Identität. Interdisziplinäre Annäherungen an das Phänomen Intersexualität [Identidade diversa. Abordagens interdisciplinares do fenômeno da intersexualidade]. Julia Koll, Jantine Nierop e Gerhard Schreiber (eds.). Hannover: EKD Centro de Estudos para questões de gênero na Igreja e Teologia, 2018 (Escritos sobre questões de gênero na Igreja e Teologia, vol. 4). (90 p.)

Links

www.bv-trans.de (Bundesverband Trans* e.V.) [Associação nacional Trans*]

www.die-erklaerung.de (Stuttgarter Erklärung menschenrechtlicher Aspekte der medizinisch-therapeutischen Versorgung) [Declaração de Stuttgart sobre aspectos de direitos humanos dos cuidados médicos terapêuticos]

www.dgti.org (Deutsche Gesellschaft für Transidentität und Intersexualität e.V.) [Sociedade Alemã de Transidentidade e Intersexualidade]

www.kreuzweise-miteinander.de (Kreuzweise-Miteinander e. V.) ([português-brasileiro](#) [Informação e material](#))

www.quikt.de (Queer in Kirche und Theologie: Gottesdienst anlässlich einer Transition – Segnung von trans*Personen, Liturgisches Material) [*Queer* na Igreja e Teologia: culto religioso por ocasião de uma transição - bênção de pessoas trans*, material litúrgico]

www.trans-evidence.com (Internationales Netzwerk, Erarbeitung evidenzbasierter, wissenschaftlicher Erkenntnisse im Bereich Transsexualität und entsprechender medizinischer Empfehlungen) [Rede internacional, desenvolvimento de descobertas científicas baseadas em evidências no campo da transexualidade e recomendações médicas correspondentes]

www.trans-kinder-netz.de (Verein von Eltern minderjähriger trans*Kinder) [Associação de pais de filhos e filhas trans* menores de idade]

www.transjaund.de (Projekt für mehr Sichtbarkeit und gegen Diskriminierung von jungen Trans* und Menschen, die geschlechtlich vielfältig (er)leben) [Projeto para mais visibilidade e contra a discriminação de jovens trans* e pessoas que experimentam um gênero diverso]

www.transmann.de (TransMann e.V. ist ein bundesweiter (Selbsthilfe) Verein) [TransMann é uma associação nacional (de autoajuda)]

www.tur2017.de (Projekt „Reformation für alle* – Transidentität/Transsexualität und Kirche“) [Projeto “Reforma para todos*as – Transidentidade/Transexualidade e Igreja”]

www.transgender-network.ch (Transgender Network Switzerland) [Rede Transgênero Suíça]

Membros do Grupo de Especialistas Equidade de Gênero da Igreja Evangélica em Hessen e Nassau – EKHN

Gernot Bach-Leucht, pastor provincial da juventude, dirigente do Grupo de Especialistas Equidade de Gênero – EKHN

Dr. Melanie Beiner, pastora, Conselheira Geral, EKHN

Yvonne Fischer, pastor*a, EKHN

Martin Franke, pastor, EKHN, referendário teológico do Sínodo da EKHN

Anita Gimbel-Blänkle, pastora, Departamento de igualdade de oportunidades da EKHN

Dr. med. univ. Dr. phil. Claudia Haupt, psiquiatra e neurocientista, Lucerna

Noah Kretzschel, educador, presidente da Juventude Evangélica em Hessen e Nassau
(*Evangelische Jugend in Hessen und Nassau – EJHN*)

Thorsten Maruschke, pastor, Congregação Evangélica Vorhalle (*Evangelische Kirchengemeinde Vorhalle – EkvW*)

Julia Monro, fundadora do Projeto Transkids.de

Sarah Rafaela Saenz, musicista da Igreja

Dr. theol. Gerhard Schreiber, no Instituto de Teologia e Ética Social da Universidade Técnica
(*Technische Universität – TU*) de Darmstadt

Jasmin Setny, vigária, EKHN

Dorothea Zwölfer, pastora, Congregação Evangélica Luterana em em Haarbrücken, Ketchenbach e Thann (*Evangelisch-Lutherische Kirchengemeinde in Haarbrücken, Ketchenbach und Thann – ELKB*) e Kreuzweise-Miteinander e.V.

Redação

Noah Kretzschel e Gerhard Schreiber

Tradução

Marcus Tullius Franco Morais

Referência

Março de 2019, 3ª edição

Endereços para contato

Stabsbereich Chancengleichheit der EKHN

Paulusplatz 1

64285 Darmstadt

Telefone: ++49 6151/405-434

E-Mail: Chancengleichheit@ekhn-kv.de

<http://www.chancengleichheit-ekhn.de/>

Gernot Bach-Leucht, pastor provincial da juventude da EKHN

E-Mail: Gernot.Bach-Leucht.zb@ekhn-net.de

Juventude Evangélica em Hessen e Nassau e.V.

Evangelische Jugend in Hessen und Nassau e.V.

E-Mail: info@ejhn.de

Também está disponível na Internet para *download*, em: unsere.ekhn.de/transsexualitaet

Posfácio

A Associação *Kreuzweise-Miteinander* agradece o bom trabalho em parceria com o Grupo Justiça de Gênero da Igreja Evangélica de Hessen e Nassau.

Gostaríamos de agradecer à Igreja Evangélica na Alemanha (*Evangelische Kirche in Deutschland – EKD*) por promover generosamente a tradução do manual “Criado à imagem de Deus – Transexualidade na Igreja” para o português do Brasil.

Que essa tradução sirva para desconstruir o ódio, a violência e os preconceitos contra pessoas transexuais.

Dorothea Zwölfer



Evangelische Kirche
in Deutschland

Igreja Evangélica
Alemanha

